

Rio de Janeiro entre o diurno e o noturno – Um ensaio sobre o cotidiano macumbeiro durante o pós-abolição (1888 - 1930)

Gustavo Machado Cantisani¹

Resumo:

O artigo propõe uma leitura histórica e antropológica do Rio de Janeiro a partir da oposição estabelecida entre luz e sombras. A pesquisa investiga como, no contexto da Primeira República, as práticas religiosas de matriz africana — chamadas de “macumbas cariocas” — constituíram formas de resistência e criação de mundos possíveis frente ao projeto civilizatório eurocristão e higienista. Dialogando com autores como José Carlos dos Anjos, Nego Bispo, Sueli Carneiro e Ynaê Lopes dos Santos, o trabalho propõe a “cidade das sombras” para melhor entender as sociabilidades negras que se formaram nas margens do espaço urbano, sobretudo durante a noite, período em que os cultos e feitiços puderam existir de forma menos visível ao controle estatal e moral. Palavras-chave: Rio de Janeiro; Pós-Abolição; Macumbas; Encruzilhada; Racismo religioso.

INTRODUÇÃO

Os encantos noturnos por muito tempo representaram uma oposição ao que se entendia como a compreensão que a luz da Europa trazia consigo. Com o iluminismo a ideia da razão e ciência começaram a ser norteadoras de um mundo eurocristão ao qual se pretendia ser alcançado pelas elites dominantes brasileiras. O positivismo, movimento europeu que inspirou tantas almas na tão recente república brasileira proclamada em 1888, estampou o lema que carregamos até hoje em nossa bandeira, “ordem e progresso”, representativo do que o Rio de Janeiro pretendia ser na primeira república (CARVALHO, 2017). Porém, esta pesquisa não aborda a construção dessa cidade que buscava ser a “Paris nos trópicos”, mas sim a cidade que crescia nas sombras das luzes da ordem e do progresso. Dessa forma, tal como proposto pelo historiador Tony Hara (2004, p. 14), “Brincar com o noturno para convocar novas auroras, talvez não haja melhor definição para caracterizar o trabalho e a ação dos corpos que tramam os saberes noturnos em oposição às ordenações do dia.”. Nesta visão, o dia e a luz representam uma série de saberes e ordenações vindas do mundo eurocristão que acabaram por perpetuar o projeto colonialista neste Rio de Janeiro e Brasil da primeira República que pretendiam tanto ser uma mimese das cidades e países europeus.

Em minha dissertação de mestrado, intitulada “Entre a encruzilhada e o povo nas ruas: pisando o mundo dos feitiços de João do Rio em busca das macumbas cariocas no

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER) e licenciado em História pelo Centro Universitário Celso Lisboa.

Pós-Abolição (1888 - 1908)” pesquisei as crônicas de João do Rio referente ao “*Mundo dos Feitiços*” (2015, p. 17-78). Nela, busquei apresentar como as macumbas cariocas representavam uma forma de resistência para seus praticantes durante o pós-abolição, e agora pretendo dar continuidade a esse caminho, porém voltando-me mais profundamente para os sujeitos que praticavam os cultos de matriz africana no Rio de Janeiro.

Mais do que apresentar resultados conclusivos, este artigo tem como propósito abrir caminhos reflexivos. Trata-se de um exercício ensaístico, uma primeira tentativa de organizar percepções, inquietações e leituras que emergem do encontro entre história, antropologia e religiosidades de matriz africana. O objetivo aqui não é delimitar respostas definitivas, mas lançar questões que permitam pensar o Rio de Janeiro do pós-abolição a partir das margens e das sombras — compreendendo como esses espaços-tempos noturnos constituíram modos próprios de existência, pensamento e resistência. Ao propor esse movimento inicial, o artigo busca delinear um campo de pesquisa em formação, que pretende, em trabalhos futuros, aprofundar a análise das fontes históricas e cartografar as práticas macumbeiras como elementos constitutivos da cidade e de suas epistemologias plurais.

Geralmente, quando se fala sobre as macumbas cariocas, tem-se em mente os cultos de origem banto, no entanto, em minha pesquisa proponho pensar as macumbas de uma outra forma, como cultos encruzilhados tal como nos apresenta José Carlos dos Anjos.

A encruzilhada como categoria por meio da qual essa formação religiosa pensa as diferenças e propõe um jogo com a alteridade deve ser elevada à sua condição de uma das maiores expressões de filosofia das diferenças [...] Em primeiro lugar, a lógica rizomática da religiosidade afro-brasileira, ao invés de dissolver as diferenças, conecta o diferente ao diferente deixando as diferenças subsistirem como tais. (ANJOS, 2006, p. 22)

Sendo assim, não discordo do fato de que os povos bantos sejam essenciais para a formação do que entendemos como as macumbas cariocas, mas penso que também outros grupos foram partícipes desta construção. Entendo então, que os macumbeiros no Rio de Janeiro eram todos aqueles que faziam feitiços sejam eles da etnia banto, sudanesa ou alguma outra. As macumbas eram múltiplas e cada uma se formava de uma junção de fatores únicos, tendo a encruzilhada como base comum compartilhada por estes grupos;

uma base cosmoperceptiva que aceita o diferente e lida com a diferença, onde diferentes pontos se encontram, mas não formam uma unidade e sim pluralidades (ANJOS, 2006).

Nas palavras de João do Rio “Vivemos na dependência do feitiço [...] O feitiço é o nosso vício, o nosso gozo, a degeneração” (RIO, 2015, p. 46), logo esses macumbeiros/feiticeiros eram essenciais para o funcionamento da cidade, ao menos da cidade que se fazia viva nas sombras, eram eles que operavam na cura de enfermidades, nas mazelas físicas e espirituais que afetavam a população. Devo retomar o ponto que neste período a ciência médica estava se estabelecendo, logo os atendimentos a enfermos se faziam em grande parte pelos feiticeiros que eram também curandeiros.

Buscando relatos sobre feitiços dialoguei com as crônicas de João do Rio, e comecei a pensar nas macumbas e nos macumbeiros por meio de seu relato. É por meio de sua escrita que começo a perceber a existência de duas cidades. Uma cidade de “luz”, que se apresenta como progresso e futuro e uma outra cidade de sombras, que, por vezes, é representada como uma cidade de atraso e do passado. O próprio João do Rio apresenta esta dicotomia quando escreve que:

Ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. (RIO, 2015, p. 15)

Nesta dicotomia que insisto em pensar entre uma diferença formulada por luz e sombras. Para a cidade de luz existir a de sombras deve acabar. Trata-se de um embate de civilizações como apresentado por Antonio Bispo dos Santos, o Nego Bispo. O projeto de civilização fundamentado na luz para se afirmar como único, deve iluminar tudo a ponto de que não existam mais sombras, e as sombras por sua vez são plurais e insistem em resistir.

O povo eurocristão monoteísta, por ter um Deus onipotente, onisciente e onipresente, portanto único, inatingível, desterritorializado, acima de tudo e de todos, tende a se organizar de maneira exclusivista, vertical e/ou linear. Isso pelo fato de ao tentarem ver o seu Deus, olharem apenas em uma única direção. Por esse Deus ser masculino, também tendem a desenvolver sociedades mais homogêneas e patriarcais. Como acreditam em um Deus que não pode ser visto materialmente, se apegam muito em monismos objetivos e abstratos. Quanto aos povos pagãos politeístas que cultuam várias deusas e deuses pluripotentes, pluricientes e pluripresentes, materializados através dos elementos da natureza que formam o universo, é dizer, por terem deusas e deuses territorializados, tendem a se organizar de forma circular e/ou horizontal, porque conseguem

olhar para as suas deusas e deuses em todas as direções. Por terem deusas e deuses tendem a construir comunidades heterogêneas, onde o matriarcado e/ou patriarcado se desenvolvem de acordo com os contextos históricos. (SANTOS, 2015, p. 38 -39)

Portanto, penso haver uma divisão no Rio de Janeiro que não se faz presente nos mapas, mas sim nas vivências da cidade. Enquanto uma parte dela buscava a modernidade, a civilização, o higienismo e o branqueamento, a outra insistia em resistir, representando as formas plurais de viver, caminhos outros apresentados por esse projeto eurocristão civilizador.

O problema se estabelece de forma mais enfática quando se institui que para “dar fim as sombras” da cidade era necessário a criação de uma narrativa que ressaltava uma dicotomia: para se alcançar o progresso, deve-se dar fim ao que representa o atraso, “as sombras”. Ynaê Lopes dos Santos nos apresenta como se deu esse processo quando aborda que:

Além do controle sobre doenças e epidemias, também se acreditava que hábitos e costumes das populações negras, mestiças, indígena e pobre deveriam ser combatidos em nome da civilização e do progresso. No mundo urbano, transformações que tinham o higienismo e o sanitarismo como princípio foram realizadas. (...) O Rio de Janeiro, na época a capital federal, se tornou uma espécie de vitrine das políticas públicas que atrelaram higienismo, positivismo e racismo. (SANTOS, 2022, p. 199)

Longe de pensar a noite como algo pejorativo, associado ao atraso e epidemias, procuro abordá-la como uma forma ancestral de viver o mundo. Quando Oscar Ribas (1989) escreve sobre os cultos Africanos em Angola disserta sobre uma condição muito semelhante à qual João do Rio encontrava nas ruas cariocas. Mesmo em períodos, localidades e contextos diferentes, ambos encontram cidades cindidas, entre uma modernização sonhada e uma realidade que insiste em continuar existindo. Segundo Carmen Lucia Tindo Ribeiro Secco, Oscar Ribas tratou desta cisão apresentando o que ficou conhecido como literaturas da noite

O Ocidente, principalmente após o Iluminismo, priorizou a luz como metáfora da razão, da lógica. Já as literaturas da noite sempre se orientaram pelas emoções e por uma rede de lembranças e afetos que costumam habitar, principalmente, as zonas sombrias do inconsciente individual e coletivo. (SECCO, 2010, p. 196)

Oscar Ribas apresenta estas literaturas da noite como tradições orais que passam o conhecimento ancestral durante a noite, em torno das fogueiras, dando ênfase nos subterrâneos da cidade e dos sonhos.

As literaturas da noite, ou seja, as literaturas de tradição oral, como os contos, lendas, misosos, provérbios, cantos, rituais religiosos, adivinhas, costumavam, no passado ancestral, ser tecidas e transmitidas à noite, embaixo de árvores frondosas, ou à beira das fogueiras, nos subterrâneos da terra e dos sonhos. Constituíam o material vertente da arte de singuilar, termo que, de acordo com o Dicionário de Regionalismos do próprio Ribas, significa: seroar, ou seja, fazer serão, contar e ouvir histórias à noite. (SECCO, 2010, p. 194)

Nesta mesma noite onde Oscar Ribas se debruça, no outro lado do Atlântico no Rio de Janeiro, sujeitos negros/africanos e seus descendentes diaspóricos criavam novos mundos possíveis a partir das sombras aos quais João do Rio adentra em suas crônicas.

Não se trata de uma fresta possível de se habitar, mas sim um mundo criado quando em geral nada é visto, sentido ou pensado. Um mundo onde os códigos, as sensibilidades, as relações e as formas de se comunicar são outras. Bem como apresentado por Robert Slenes (1992) em seu texto *Malungu, ngoma vem!: África coberta e descoberta no Brasil*, neste artigo o autor apresenta como existiam diversas formas da população negra escravizada se manter “oculta” do colonizador mesmo estando tão próximos. Tendo em vista que este período, foi marcado por uma série de questões que não só impediam os sujeitos negros de viver mas também atuavam direta e indiretamente buscando sua morte, uma vez que este sistema fundamentado na antinegitude (VARGAS, 2020) tem como base o genocídio dos corpos negros. Seja por meio de uma política de branqueamento, ou por meio do código penal do período que proibia as religiões de matriz africana².

Justo a isto, havia uma série de políticas higienistas que relacionadas a políticas de branqueamento que moldavam a construção de uma cidade almejada pelas elites dominantes. Como o objetivo era se europeizar a todo custo, a cidade sofreu uma série de

² Tendo como base principalmente os artigos 157, 158 e 159 presentes em: BRASIL. Decreto no 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%20847%2C%20DE%2011%20DE%20OUTUBRO%20DE%201890.&text=Promulga%20o%20Codigo%20Penal.&text=Art.,que%20n%C3%A3o%20estejam%20previamente%20estabelecidas.. Acesso em: 01 mai. 2022 às 21:57.

transformações urbanas e sociais. O Rio de Janeiro enquanto capital representava o retrato que o Brasil queria passar para o restante do mundo, logo as transformações no Rio de Janeiro foram mais enfáticas do que nos restantes dos territórios brasileiros (NEVES, 2022, p. 36). Não era admissível que a capital da cidade fosse vista como um “Túmulo insaciável de estrangeiros” (SEVCENKO, 2003, p. 73), logo uma série de medidas foram tomadas para garantir o que se esperava da capital que buscava se igualar a Paris. Contudo, estas medidas higienistas estavam também associadas a expulsão dos negros do centro habitável da cidade frequentado pelas elites e estrangeiros (BENCHIMOL, 2022; SANTOS, 2022). Higienizar e sanitizar eram sinônimos para embranquecer. Em busca dessa europeização as elites desterritorializaram cortiços, morros, favelas, casas e famílias. O destino destes que foram desterrados? Em geral subúrbios e favelas. (CAMPOS 2010; CHALHOUB, 2017; CRUZ, 2020). Sendo assim, pretendia-se uma cidade branca, clara, iluminada, onde as sombras e os sujeitos negros bem como seus modos ser, viver e sentir o mundo fossem jogadas para o mais distante possível. Porém, estes sujeitos negros criaram mundo possíveis.

É desta forma que busco entender o Rio de Janeiro deste período, um Rio que buscava se modernizar, higienizar e branquear custe o que custar. E para que esta cidade de luz pudesse existir em plenitude, não deveriam existir sombras. Contudo, a cidade que existia nas sombras se recusava a morrer, por vezes escamoteada e latente, mas sempre existindo para aqueles que buscavam adentrá-la, tal como João do Rio fez. Era essa cidade de sombras o motivo do “atraso” do Rio de Janeiro, pois essa cidade era repleta de feitiços, macumbarias, festas, danças, gargalhadas e encruzilhadas. Devo ressaltar que não busco apresentar uma cisão espacial que possa demarcar onde começa uma cidade e termina a outra, mas sim pensar em um espaço repleto de camadas onde são por vezes divididas por linhas porosas.

A vida noturna das sombras

Durante o dia existem sombras, porém o período de maior pungência das sombras é quando a noite cai, e por isto minha pesquisa busca mergulhar na noite para entender as formas de vida construídas quando não há luz. Contudo, estando distante do período ao qual me debruço, uma das formas de buscar entender são estudando os indícios deixados

por estes mundos. Como as religiões de matriz africana eram proibidas, os macumbeiros não poderiam praticá-las à luz do dia, logo foi na noite que se instauraram. Existem sim motivos litúrgicos pelos quais certos rituais devem ou são preferíveis de serem realizados durante a noite. Contudo, busca-se a noite também por ser o período “mais seguro”.

Durante a noite enquanto os outros dormem e enquanto não há ninguém, os macumbeiros criam vida no vazio. Ocupam o espaço, quebram o silêncio, fazem seus rituais, cantam, dançam, bebem, fumam e dão risadas. No dia seguinte sobra apenas o despacho, provando que aquele espaço foi utilizado para um “crime”. Os despachos eram vistos como a prova de um crime que ocorreu naquela noite e durante o dia, ao levantar, ir pro trabalho e darem sequência a vida, resta apenas a prova de que as sombras suplantaram a luz durante a noite.

Através das denúncias de reportagens em jornais ou inquéritos policiais e jurídicos penso ser possível mapear essa cidade das sombras que atuava com tanta pujança durante a noite. E assim entender como se apropriaram do período noturno para construir vida.

Durante a noite, os macumbeiros ocuparam as cidades do centro aos subúrbios. É possível que com a retirada forçada dos negros do centro do Rio, a incidência de macumbarias e feitiços nos subúrbios pode ter aumentado exponencialmente. Este é um dos pontos que pretendo alcançar com a pesquisa, pensar um mundo de feitiços para além do apresentado por João do Rio, um mundo de feitiços suburbanos. Mapear a movimentação dos sujeitos negros feiticeiros do centro do Rio para as demais localidades, construindo formas noturnas de saberes em diversos espaços onde a luz demorava a alcançar ou se quer chegava, fazendo assim crescer a cidade das sombras.

UM CONVERSA NECESSÁRIA:

Ao observar o pulsar dessa cidade que se refaz nas sombras, é possível compreender que a noite não é apenas um intervalo entre dias, mas um território místico e político onde se constroem novas formas de existir. O noturno, mais do que ausência de luz, revela-se como espaço de invenção e sobrevivência. É nele que os macumbeiros e macumbeiras reorganizam a cidade à sua maneira, habitando becos, encruzilhadas e quintais, convertendo o silêncio em tambor e o medo em rito. A noite torna-se, assim, o

tempo do segredo e da partilha, onde o que é interdito pela cidade de “ordem e progresso” ganha corpo e voz.

Esses territórios da noite configuram uma geografia outra — subterrânea, rizomática e plural — que desafia as fronteiras impostas pela racionalidade colonial. Cada despacho, cada canto e cada batuque constituem marcas da presença negra que o projeto higienista tentou apagar. Nas sombras, forma-se uma cartografia afetiva e insurgente, que conecta centro e subúrbio, passado e futuro, corpo e cosmos. Pensar essa cidade das sombras é, portanto, pensar uma epistemologia própria, forjada na encruzilhada, onde o saber se faz em movimento, na fricção entre mundos.

É a partir dessa compreensão que se justifica a necessidade de revisitar o Rio de Janeiro do pós-abolição, não como cenário de atraso, mas como campo de criação e resistência, onde a noite anuncia outras auroras possíveis.

Tendo em vista que a famosa frase repetida até o dia de hoje sobre a “contribuição dos povos negros para a formação do Brasil” é um dos fatores ao qual esta pesquisa pretende se debruçar. Não busco pensar contribuição, mas sim construção. O historiador Leandro Bulhões (2018, p. 29) irá definir como paradigma das contribuições o pensamento que “presume que apenas os povos brancos foram responsáveis por todas as estruturas relevantes das sociedades colonizadas” enquanto outros povos teriam somente contribuído em questões pontuais. Sujeitos negros e macumbeiros formaram um Rio de Janeiro no pós-abolição e é esta cidade que busco alcançar. Por muito tempo as histórias dos povos negros foram narradas de forma a fazer pensar que só era possível se estudar sujeitos negros quando pelo prisma da escravidão. Um dos pensadores mais influentes para a sociedade euro cristã ocidental é Hegel que pensava que “o homem na África negra vive no estado de barbárie e selvageria que o impede ainda de fazer parte integral da civilização” (MUNANGA, 2015) Desta forma, em grande parte este pensamento colonial dominante se disseminou nas faculdades, escolas e sociedades, fazendo-nos pensar por muito tempo que a história dos povos negros só poderia ser contada do momento do contato com o europeu em diante, considerando os sujeitos negro-africanos como não-emancipados enquanto indivíduos, tal como apresenta Kabengele Munanga “Assim, o

Ocidente, obediente ao dogma hegeliano, acreditou que a África não podia ser objeto de estudos historiográficos” (MUNANGA, 2015, p. 27).

Neste sentido, Walter Benjamin nos apresenta a necessidade de “escovar a história a contrapelo”. Com a provocação de Benjamin referente a uma forma diferente de se pensar a história, olhando para onde costumeiramente não se olha, ou às vezes olhando diferente para aquilo que a maioria vem reproduzindo de forma igual por muito tempo. Pretendo também fazer este movimento de olhar as coisas de forma diferente.

Neste sentido, minha pesquisa busca escovar a história a contrapelo, dotando sujeitos negros de autonomia, criação, poética e saberes, urbanos, filosóficos e sensoriais. Busco também entender como a forma de ver a história do Rio de Janeiro pode ser diferente ao pensar como as religiões de matriz africana criaram uma cidade outra além do Rio de Janeiro das elites governantes. Desta forma, a meu ver, esta proposta de pesquisa se justifica por 4 principais pontos:

1 - Mapeamento e espriamento:

Grande parte das pesquisas que olham para as macumbas cariocas tendem a se focar no centro da Cidade justamente por haver uma incidência maior de fontes. João do Rio apresenta que existem feiticeiros/macumbeiros por toda cidade, porém suas andanças também se focam no centro da cidade. A narrativa mais disseminada é que as religiões de matriz africana teriam se disseminado no Rio de Janeiro por meio da vinda de negros baianos que se instauraram na região da Pequena África na zona portuária da cidade. A obra de João do Rio aponta possibilidades que mostram o diálogo entre os macumbeiros do Rio de Janeiro com a África.

Da grande quantidade de escravos africanos vindos para o Rio no tempo do Brasil colônia e do Brasil monarquia, restam uns mil negros. São todos das pequenas nações do interior da África, pertencem aos ijexá, oió, aboum, hauçá, itaquá, ou se consideram filhos do ibouam, ixáu, dos jejes e dos cabindas. Alguns ricos mandam a descendência brasileira à África para estudar religião, outros deixam como dote aos filhos cruzados daqui os mistérios e as feitiçarias. (RIO, 2015, p. 18)

No mestrado já comecei a problematizar essa relação referente a outras narrativas que diferem das vindas do território da zona portuária. Uma vez que João do Rio nos apresenta uma perspectiva outra que se difere do que é central na narrativa nagocentrica

que predispõe a origem dos cultos em salvador e sua disseminação pelos negros baianos na região portuária do centro do Rio.

Durante a construção da tese de doutorado pretendo ir mais além, pretendo mapear o espraio dessas macumbas mediante a análise de fontes de periódicos, inquéritos policiais e outros materiais que apresentam a presença de macumbas e macumbeiros para além da área central do Rio de Janeiro. Busco apresentar que a cidade do Rio de Janeiro pulsava as religiões de matriz africana em grande parte do seu território. Afinal, dos subúrbios ao centro diversos despachos são encontrados neste percurso.

2 - Epistemes das sombras e epistemicídio:

As formas de ser e sentir o mundo negroafricanas sofreram um processo de apagamento brutal e orquestrado pelo Estado brasileiro, o projeto colonial se baseia em um processo de epistemicídio, Sueli Carneiro nos apresenta em sua tese de doutorado um breve processo de como se constituiu o epistemicídio no Brasil voltado aos sujeitos negros

Na sua adaptação às particularidades da sociedade brasileira, o epistemicídio terá sua primeira expressão, enquanto tentativa de supressão do conhecimento nos processos de controle, censura e condenação da disseminação de idéias empreendido pela Igreja Católica durante o vasto período da história do Brasil com desdobramentos específicos sobre a população negra. Com a abolição da escravidão e emergência da República, influxos do racismo científico serão percebidos em pensadores nacionais, aportando novas características aos processos epistemicidas sobre as populações negras. Entram em cena os procedimentos de contenção, exclusão, assimilação na relação dos negros com os processos educacionais frente à sua nova condição de liberto indesejável como cidadão. (CARNEIRO, 2005, p. 102)

Sendo assim, entender as cosmopercepções pertencentes a pessoas negras deste período é também entender suas movimentações, suas estratégias de resistência, e seus caminhos como modeladores de novos mundos possíveis, tal como proposto por Isabelle Stengers e Philippe Pignarre em seu livro *La brujería capitalista* (2017). Os autores apresentam que começam a pensar em novos mundos possíveis fora do capitalismo a partir de 1999 quando aconteceu a Batalha de Seattle. Segundo os mesmos, foi em Seattle onde se apresentou a possibilidade de pensar outro mundo possível fora do que eles denominaram de feitiçaria capitalista, um processo inerente ao mundo capitalista que nos rodeia.

Na perspectiva apresentada pelos autores, o sistema capitalista nos enfraquece, pois nos tira a possibilidades de mundos possíveis, restando a nós as *alternativas infernales*, ou seja, alternativas que não nos deixa brecha para pensar em outras soluções possíveis. No contexto do pós-abolição talvez as *alternativas infernales* fossem civilizar-se rumo a ordem e progresso da era “moderna” por meio do branqueamento e de toda coerção e genocídio voltados para o povo negro ou adoecer com as epidemias e doenças e continuar preso no mundo do “passado”. Proponho desta forma o uso das ideias de Stengers e Pignarre (2017) para pensar o sistema colonialista que imperava no Rio de Janeiro no pós-abolição.

Renato Sztutman (2018), em seu artigo *Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers*, elenca outros exemplos mais recentes de *alternativas infernales*:

Por exemplo, quando estabelece que ou a Europa deve aceitar os organismos geneticamente modificados ou perderá a competitividade mundial, seus pesquisadores migrarão para os Estados Unidos, sucumbir-se-á a uma imensa fome. Poderíamos com facilidade proliferar exemplos, tendo como referência a realidade brasileira mais recente: ou a reforma da previdência ou a falência do Estado; ou Belo Monte ou a crise da energia; ou o freio à imigração ou o colapso social; ou a indústria farmacêutica ou o fim do financiamento das pesquisas. (SZTUTMAN, 2018, p. 348)

Desta forma, os macumbeiros, criaram um mundo outro fora das *alternativas infernales* apresentadas pelo projeto colonial. Este outro mundo possível criado pelos macumbeiros cariocas é o que chamo de cidade das sombras, onde se apresenta um projeto de Brasil fundamentado na encruzilhada, um projeto inclusivo de fato que lida com a diferença sem a exclusão do diferente

[...] a encruzilhada torna possível o encontro dos diferentes sem excluir a diferença, fazendo parte da composição. A encruzilhada é o ponto de encontro de diferentes caminhos que não se tornam uma unidade, mas sim pluralidades, estabelecendo e sendo a própria comunicação. A encruzilhada é, ao mesmo tempo, ponto de encontro e escolha de novas possibilidades, bem como também o início e o continuar do caminho, é onde se constrói, mas, também, onde se pode fechar os caminhos. Na encruzilhada o bem e o mal são partes da composição. Nessa composição, o risco e a tensão vão ser sempre constantes. A encruzilhada é, antes de tudo, movimento. (SANTANA JR, 2021, p. 46)

Sendo assim, é possível entender que as encruzilhadas são o fundamento para criação dos mundos que emergem das sombras. Essa divisão que proponho entre luz e sombras é uma forma de entender uma disputa de projetos de nação propostos pelas elites

dominantes no Brasil da primeira república, mas também propostos por sujeitos historicamente marginalizados e periféricos.

3 - O espaço entre a antropologia e a história:

A pesquisa que pretendo desenvolver se encontra em um campo entre as disciplinas de Antropologia e História. Venho desenvolvendo este caminho desde o mestrado e pretendo continuar nesta trilha. Por ser uma pesquisa que se desenvolve nesta fronteira, poucos trabalhos são desenvolvidos por essa perspectiva, uma vez que para a Antropologia o campo do passado dificilmente se faz acessível. Enquanto que para a história poucos trabalhos se aventuram a levar a religião de matriz africana adiante como tema central de pesquisa.

Existem sim trabalhos voltados para discussão de tais temas, como a obra organizada por Valéria Gomes Costa e por Flávio Gomes (2016) *Religiões negras no Brasil da escravidão à pós-emancipação*, ou a pesquisa de Doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro de Yvonne Maggie, publicada como livro em 1992, intitulada *Medo do Feitiço: Relações Entre Magia e Poder no Brasil*, bem como os trabalhos produzidos por seu orientando Luiz Alberto Alves Couceiro que são frutos de uma perspectiva semelhante apesar de recortes diferentes.

Isto posto, entendo que minha pesquisa aborda um campo ainda pouco explorado e dificilmente abordado nesta perspectiva a qual me proponho a trabalhar História e Antropologia lado a lado.

4 - O atual momento em que o Rio de Janeiro se encontra:

Por fim, penso que minha pesquisa se faz necessária no atual momento em que vive o Brasil, e principalmente o Rio de Janeiro. Com o grande aumento de evangélicos apresentados desde os últimos censos, as religiões de matriz africana são cada vez mais atacadas e perseguidas. Estas religiões não predispoem necessariamente um antagonismo,

contudo, infelizmente não faltam exemplos de ataques em vídeos³, depoimentos⁴, e até mesmo quebra, destruição e desterritorialização de espaços voltados aos cultos de matriz africana⁵. Nego Bispo já apresenta as bases do pensamento eurocristão monoteísta como cosmo-fóbica, desta forma tendo medo do próprio cosmos e das outras possibilidades de cosmos que se apresentam em um país tão plural como o nosso

Os colonialistas têm uma doença chamada cosmo-fobia, que é o medo do cosmos. Eles têm medo do deus deles [...] O colonialista não mata porque tem coragem: ele mata porque é medroso. Tem medo do outro, porque ele é só um. Ele só tem um deus. E nós somos muitos. E isso dá medo. (BISPO, 2019 p. 27 - 28)

Quando a única perspectiva monoteísta existe em detrimento das outras perspectivas politeístas, o racismo religioso ganha força

O que se ataca é precisamente a origem negra africana destas religiões. Por isso, vejo uma estratégia racista em demonizar as “religiões” de matrizes africanas, fazendo com que elas apareçam como o grande inimigo a ser combatido, não apenas com o proselitismo nas palavras, mas também com ataques aos templos e, mesmo, à integridade física e à vida dos participantes destas “religiões” (NASCIMENTO, 2016. p. 168)

Penso que atualmente, com a crescente expansão e centralidade do fenômeno complexo dos “Traficantes de Deus” e do território conhecido como “Complexo de Israel”⁶, mostrar que a cidade é fundamentada na encruzilhada e que as macumbas criaram um Rio de Janeiro. É fazer a função do historiador. Segundo a frase de Peter Burke “A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”. Reviver as memórias que existia um Rio de Janeiro é macumbeiro e que este Rio segue vivo em rodas de samba pela cidade, terreiros que resistem, feijoadas de São Jorge, e muitos outros pontos que as sombras insistem em dominar.

Considerações finais — quando o dia não basta

³ <<https://www.youtube.com/shorts/jTrBuXzsxO8>> acessado em 07/07/2025 às 23:30.

⁴ <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/23/deputado-registra-queixa-contr-pastor-e-prefeito-de-itabora-no-rj-por-crime-de-intolerancia-religiosa.ghtml>> acessado em 07/07/2025 às 23:30.

⁵ <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/bandidos-de-deus/>> acessado em 07/07/2025 às 23:30.

⁶ <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce8nwrp253jo>> acessado em 07/07/2025 às 23:30.

Pensar o Rio de Janeiro entre o diurno e o noturno é pensar uma cidade que nunca se resume àquilo que é iluminado. Ao longo desta reflexão, procurei compreender como no intervalo entre as luzes da razão, emerge uma cidade feita de encantamentos, memórias e sobrevivências. À noite, que tantas vezes foi lida como ausência, torna-se aqui presença pulsante — tempo em que os interditos respiram, os corpos se refazem e os saberes se atualizam. É nesse espaço-tempo que as macumbas, os feitiços, as rezas e os batuques reconstroem a cidade à revelia dos projetos civilizatórios, desafiando a lógica da homogeneização e da ordem.

A cidade noturna é a cidade da diferença. É nela que os sujeitos negros criam e reinventam caminhos diante de um mundo que lhes nega o direito de existir plenamente. Nas sombras, as casas de culto, as rodas de samba, os terreiros e os quintais se tornam lugares de invenção. Ao contrário da cidade de luz — que busca o controle, a ordem e progresso e a higienização —, a cidade das sombras é movida por um princípio de encruzilhada: nela, o diverso não é tolerado, mas celebrado mesmo mediante a conflito. Esses espaços noturnos materializam a resistência cotidiana, e sua persistência é também uma resposta ao epistemicídio e às políticas de branqueamento que moldaram o projeto republicano brasileiro.

Assim, o noturno não é apenas metáfora: é uma forma de vida, uma forma de construção de mundo. Nele, a história pode ser olhada “a contrapelo”, como propôs Walter Benjamin. Escovar a história a contrapelo, neste contexto, é permitir que a voz dos macumbeiros, das mães de santo, dos trabalhadores e dos poetas da noite encontre o espaço que lhe foi negado nas narrativas oficiais.

A partir dessa leitura, o ensaio propõe que as macumbas cariocas sejam vistas não como resquícios de um passado “folclórico” ou “primitivo”, mas como práticas de construção de mundo. As oferendas deixadas nas encruzilhadas, os despachos nas esquinas, as cantigas que ecoam nas madrugadas são formas de ocupar o espaço. Ao reconhecer isso, abre-se a possibilidade de pensar o Rio de Janeiro não apenas como cidade partida, mas como cidade encruzilhada: um território onde se cruzam histórias, dores, memórias e esperanças.

No presente, quando o racismo religioso e as tentativas de silenciar as religiões de matriz africana se reatualizam sob novas formas, revisitar esse Rio de Janeiro noturno é um gesto de resistência intelectual e política. Relembrar a força das sombras é reivindicar o direito à complexidade, à multiplicidade e à vida. O que se pretende aqui não é romantizar a noite, mas escutar o que ela ensina: nas margens e nos silêncios; que há potência no que o projeto colonial tentou destruir.

Este artigo, portanto, não se encerra em conclusões, mas se abre a continuidades. O percurso ensaístico aqui apresentado é apenas um primeiro passo de uma investigação maior, que busca cartografar a presença macumbeira como fundamento da cidade e de sua cultura. Entre o diurno e o noturno, entre o feitiço e a razão, entre a história e a poesia, o que se afirma é que o Rio de Janeiro se constrói também nas encruzilhadas — nesses pontos em que o impossível se torna caminho.

Que a pesquisa, como a própria cidade, continue a ser atravessada por ventos. Que possamos seguir olhando para as sombras não como ausência de luz, mas como presença de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Jose Carlos. **Território da Linha Cruzada: a Cosmopolítica Afro Brasileira**, Porto Alegre, UFRGS, 2006.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (org.). **O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889- 1930)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022

BULHÕES, Leandro. Ensino das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas entrecruzadas: paradigma da contribuição, pedagogia do evento e emancipações na educação básica. **Revista da ABPN**, v. 10, ed. especial – **Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-brasileira – Lei 10.639/03 na escola**, p. 22-38, maio 2018. p22-38.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANTISANI, Gustavo Machado. **Entre a encruzilhada e o povo nas ruas: as macumbas cariocas no pós-abolição**. 2024. Dissertação (Mestrado em Relações ÉtnicoRaciais) –Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro, 2024.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2005. CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**. 2ª ed., São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

CRUZ, Alline Torres Dias da. **De Madureira a Dona Clara: suburbanização e racismo no Rio de Janeiro no contexto pós-emancipação**. São Paulo: Hucitec, 2020.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. “O fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas”. **Revista Eixo**, Brasília, vol. 6, nº 2 (Especial), 2017.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOMES, Flávio (Orgs.). **Religiões negras no Brasil - da escravidão à pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2016.

HARA, Tony Renato. **Saber noturno: uma antologia de vidas errantes**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (org.). **O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889- 1930)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

RIO, João. **As religiões do Rio**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

SANTANA JÚNIOR, Humberto Manoel de. “**Acende a luz do candeeiro pra receber pessoa amiga**”: encontros e acertos na encruzilhada. Tese (Doutorado). Programa de PósGraduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas SP, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos significações**. Brasília: Editora da UnB, 2015.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro: uma história da formação do país**, São Paulo: Todavia, 2022.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Óscar Ribas e as literaturas da noite: a exímia arte de singuilar. **Navegações**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 193–199, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Navegacoes/article/view/8441>.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**, 2a ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

SLENES, Robert W. Malungu, ngoma vem!: África coberta e descoberta no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 12, p. 48-67, dez. 1991; fev. 1992.

STENGERS, Isabelle. PIGNARRE, Philippe. **La brujería capitalista: prácticas para prevenirla e conjurarla**. Buenos Aires: Hekht Libros, 2017.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. **Rev Inst Est Bras**. 2018.

VARGAS, João H. Costa. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. **Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 45, p. 16–26, 1º sem. 2020.